

A ÉTICA ARISTOTÉLICA ENQUANTO HORIZONTE PARA A EUDAIMONIA DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Evanderson Medeiros¹

Canício Scherer²

RESUMO

Este artigo traz à baila um tema tão antigo quanto atual, a saber: o significado da eudaimonia (felicidade) para Aristóteles e, à luz dela, discute a possibilidade da vida feliz nos tempos atuais. Em vista disso, procura-se conceituar a eudaimonia em Aristóteles, explicitar a necessidade da existência do fim último para a ação do homem, compreender em que consiste o agir ético aristotélico, caracterizar o homem contemporâneo e o seu agir ético e por fim discutir a possibilidade da felicidade do homem contemporâneo à luz do pensamento aristotélico. Para alcançar os objetivos traçados, tomou-se como base a obra "Ética a Nicômaco". Assim, a análise e reflexão desta obra e de considerável bibliografia, possibilitam apontar que, para chegar à felicidade, o homem deve levar uma vida virtuosa, fundada no livre arbítrio (razão), e caracterizada pela busca da moderação, da justa medida no trato consigo, com os outros e com as leis da polis.

Palavras-chave: Aristóteles. Ética. Virtude. Eudaimonia.

ABSTRACT

This article mentions a theme as old as it is current, namely: the meaning of eudaimony (happiness) for Aristotle and, in the light of it, discuss the possibility of a happy life in our times. In view of this, the aim is to conceptualize eudaimony in Aristotle, to make explicit the necessity of the existence of the ultimate end for man's action, to understand what Aristotelian ethical action consists of, to characterize contemporary man and his ethical action, and finally to discuss the possibility of the happiness of contemporary man in the light of Aristotelian thought. In order to achieve the objectives set, the work "Ethics to Nicômaco" was taken as the basis. Thus, the analysis and reflection of this work and of considerable bibliography make it possible to point out that, in order to attain happiness, man must lead a virtuous life, founded on free will (reason), and characterized by the search for moderation, of just measure in dealing with himself, with others and with the laws of the polis.

Keywords: Aristotle. Ethics. Virtue. Eudaimony.

¹ Graduando do curso de Bacharel em Filosofia do Centro Universitário Salesiano - Unisales. E-mail: evandersonmedeiros@gmail.com

² Licenciado em Filosofia (PUC/PR). Especialista em filosofia contemporânea (UFES) e Mestre em História Social das Relações Políticas (UFES). Filosofia - Ética. E-mail: cscherer@unisales.br

1 INTRODUÇÃO

Diante da realidade do mundo contemporâneo nota-se que o homem se perdeu no caminho da busca para se alcançar a felicidade. Diante disso, o presente trabalho pretende analisar a ética aristotélica enquanto horizonte para a felicidade.

Para Aristóteles, a felicidade (eudaimonia) é o bem maior almejado pelo ser humano e suas ações devem ser intencionadas para esse fim. Porém, para se chegar a essa finalidade ele deve trilhar um caminho de ações e condutas virtuosas.

Essas condutas são definidas por meio do pensamento de modo que justiça e razão estejam relacionadas. Devido ao fato de o ser humano se diferenciar dos outros animais por causa da sua capacidade de pensar, consegue avaliar suas ações e decidir o que é justo levando-o à felicidade.

Em seu livro, “Ética a Nicômaco”, Aristóteles (1991) delineia um caminho para a felicidade, baseado na ética das virtudes, cujo objetivo primordial (fim) é o bem (felicidade). Assim, Aristóteles alcança o campo da ação humana e a diferencia pelo método e pelo conteúdo: o saber prático e a técnica criadora distinguindo o saber teórico da prática, pois na sua visão o homem contribui para o seu autoconhecimento, ampliando o seu agir, tomando consciência de suas capacidades tendo em vista da finalidade.

A felicidade para o pensador corresponde ao hábito contínuo do homem de praticar as virtudes e a prudência. O homem, por sua própria natureza, busca a felicidade como bem, guiado por uma boa conduta, a força do espírito e a vontade, guiada pela razão que o leva à excelência (aretê). A razão é responsável por julgar, analisar, discernir e é ela o critério para fazer o homem entender o que é bom e mau o que é vício e virtude.

Dito isto, investiga-se neste trabalho se, à luz da ética aristotélica, é possível a eudaimonia do homem contemporâneo. Para dar conta desta indagação, objetiva-se analisar a possibilidade da eudaimonia do homem contemporâneo. Para isso, passos menores, intermediários mas norteadores e orientadores do processo de investigação, são determinantes, tais como: conceituar a eudaimonia em Aristóteles, explicitar a necessidade da existência de um fim último para ação do homem, compreender em que consiste o agir ético aristotélico, caracterizar o homem

contemporâneo e o seu agir ético e discutir a possibilidade da felicidade do homem contemporâneo à luz da ética aristotélica.

A justificativa deste trabalho se funda no fato de que os homens de todos os tempos e, da mesma forma, o indivíduo contemporâneo tem como um dos objetivos de vida e realização pessoal, a felicidade. Esse foi o ponto que levou o presente trabalho a refletir a partir da ética aristotélica se existe a possibilidade e quais as exigências para o homem contemporâneo realmente encontrar a felicidade ou está apenas iludido com uma falsa sensação de satisfação. Isto porque é notório que a sociedade contemporânea dá valor ao status, a luxos e a bens muitas das vezes desnecessários, vivendo uma vida ligada a prazeres momentâneos e superficiais que no final das contas, não o deixam realmente feliz, levando-o a um vazio existencial.

Por fim o estudo se torna viável academicamente pelo fato de que o presente trabalho se sustenta na análise, reflexão e atualização de um importante pensador grego que desenvolveu pensamentos no campo ético e moral, sendo uma referência no estudo da ética como disciplina filosófica. A obra *Ética a Nicômaco* utilizada como base no trabalho aborda a questão das virtudes como um caminho para o desenvolvimento humano, mostrando que o objetivo é ser bom e não apenas saber o que é bom.

O ser humano desde sua concepção, busca ser feliz. Entretanto, com o passar do tempo ele muitas vezes se perde no caminho para se alcançar a felicidade. Tendo em vista essa perspectiva, o ser humano contemporâneo tem em mente que a felicidade está pautada em bens materiais, dinheiro e prazeres, porém, a felicidade está muito além desses quesitos mencionados. Para se chegar à felicidade na perspectiva aristotélica, o ser humano deve viver uma vida desprendida de vaidades, e deixar de pensar apenas nos bens, nos prazeres e em si mesmo. Portanto, para se obter a felicidade o homem deve estar pautado na relação entre virtude, honra, amizade e prazer, plenamente vividos no interior da polis.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 EUDAIMONIA NA PERSPECTIVA ARISTOTÉLICA

Numa perspectiva literal, o termo *eudaimonia* é uma palavra traduzida do grego, que

traz como significação, prosperidade, fortuna, riqueza ou felicidade. O dicionário de Filosofia (BRUGGER, 1977, p. 189) define felicidade como “[...] o fim último e o supremo bem do homem, o que constitui o verdadeiro sentido de sua vida; na verdade, só se tinha em mira a realização imperfeita, terrena, de dito bem supremo”. No campo da filosofia moral, eudaimonia tem sido traduzido simplesmente por felicidade, não no sentido sentimental e emotivo, mas como uma doutrina que prega a felicidade como finalidade para a vida humana. O comentador Jonathan Barnes em seu livro nos diz que:

[...] Sua principal tese na *Ética* não é que a felicidade consiste em atividade intelectual, mas que a atividade intelectual excelente constitui para os homens o sucesso ou a realização. Os gigantes intelectuais da história talvez não tenham sido todos felizes, mas foram pessoas bem-sucedidas – todos eles se realizaram e alcançaram a Eudaimonia (BARNES, 2005, p. 125-126).

O verbete Eudaimonia é formado a partir de dois vocábulos; *Eu* que significa bem ou aquilo que é bom e *Daemon* que significa deus ou gênio, intermediário entre os homens e as divindades, sendo que na cultura grega o *Daemon* seria capaz de guiar os passos do ser humano (ARISTÓTELES, 2009). O *Daemon* é uma entidade digna de trazer luz e a sabedoria divina à humanidade, por ser uma ligação entre o ser humano e as divindades. Por isso, eudaimonia é a ética da felicidade ou o ato de voltar para a felicidade, pois é uma espécie de ideia que coloca como finalidade última a sabedoria prática necessária para que o agir humano esteja voltado para o bem supremo.

A eudaimonia aristotélica está fundamentada na excelência da ação humana, que dá a possibilidade da virtude por meio da mediania ou justa medida. Uma ação virtuosa é a que previne dos vícios, por falta ou excesso de algo, e suscita a ação prudente capaz de levar o homem a felicidade. Essa ação deve estar ligada inteiramente a sociedade, ao Estado, pois ele é uma soma de virtudes e prudências das pessoas que visam a um Estado de excelência (ARISTÓTELES, 2009).

A inquietude aristotélica não é determinar o que é felicidade, mas apontar uma direção para conseguir atingir a felicidade. Para isso ele aponta dois caminhos: uma “vida política e moral, a que se dilata sob o controle da ‘reta razão’; vida contemplativa, que exalta a parte mais divina da natureza humana, [...] capacidade natural de atingir a verdade última” (PHILIPPE, 2002, p. 33). Assim a vida moral e política que deve ser orientada pela reta razão é a vida virtuosa, a vida prática e o bem agir.

O estagirita fundamenta a sua ética em um exame da moral como doutrina do caráter, de uma forma indireta ou subordinada à felicidade, pois “[...] é por esse motivo que a felicidade deve ser adquirida pela aprendizagem, pelo hábito ou por alguma outra espécie de exercício” (ARISTÓTELES, 2015, p. 22). E continua a sua justificativa: “A felicidade, portanto, uma vez tendo considerada alguma coisa final [completa] e autossuficiente, é a finalidade visada por todas as ações” (ARISTÓTELES, 2009, p. 49).

Como visto acima, Aristóteles indica que toda e qualquer atividade humana tende a um fim último e que esse fim sempre visa um grau de bem, assim a felicidade é o bem supremo que pode ser alcançado através da ação humana. Esse seria o objetivo geral da ética. Mas lembra o filósofo que, “[...] não chamemos feliz nem ao boi, nem ao cavalo, nem a qualquer outro animal, visto que nenhum deles podem participar de tal atividade” (ARISTÓTELES, 2009, p. 19).

Portanto, a ética é uma ciência considerada contemplativa sobre e para a felicidade, visando sempre o bem supremo, o bom uso racional e uma vivência ativa na polis, pois a felicidade como gozo, posses, aproveitamento, nos moldes individualistas atuais é considerado como já foi dito acima uma atitude irracional como a de animais de pasto.

2.1.1 A necessidade da existência de um fim último para a ação do homem

Conforme Aristóteles, toda ação visa a um fim, isto é, existe um fim último por detrás de toda ação do homem. Para explicitar sobre um fim último na ação do homem, deve-se entender o que o estagirita aponta sobre o bem. Ele escreve que:

Admite-se geralmente que toda arte e toda investigação, assim como toda ação e toda escolha, têm em mira um bem qualquer; e por isso foi dito, com muito acerto, que o bem é aquilo para que todas as coisas tendem. Mas observa-se entre os fins uma certa diferença: alguns são atividades, outros são produtos distintos das atividades que os produzem. Onde existem fins distintos das ações, são eles por natureza mais excelentes do que estas. (ARISTÓTELES, 1979, p. 49).

Toda e qualquer ciência, arte, ação e propósito buscam um bem que lhe é devido, tendo em vista sua finalidade. Assim, também acontece com o ser humano, tendo suas ações, propósitos ou qualquer campo de atividades realizadas. O autor Marie Dominique Philippe (2002, p. 34) mostra que “[...] a felicidade é o fim último das nossas

atividades e não atividades e não o seu fim particular e intermediário, porque é o bem supremo do homem, isto é, o bem perfeito que lhe basta e que se procura por si mesmo.” Portanto, se há um fim visado em toda atividade que se realiza ao longo do tempo, este fim é o bem atingido pela atividade.

A propósito da busca desse bem, em seu livro sobre a ética aristotélica, Sangalli (1998, p. 39-40) sugere que:

Aristóteles caracteriza este bem real, concreto, em torno da disposição ou da atividade imanente na função específica do homem concreto enquanto sujeito do agir moral, deixando de lado as ideias transcendentais ou tecendo meras considerações do bem em si ou do bem enquanto tal e de sua condição de único bem eterno.

Em vista disso, a busca pelo bem é uma tarefa acessível para o homem, devido à sua capacidade racional e por ser um portador de sensibilidade e vontade que lhe permitem um agir ético. Diante disso, David Ross (1987, p. 194) ensina que “[...] toda ação tende para algo diferente dela própria, e de sua tendência para produzir isso deriva seu valor.”

Observa-se que nessa perspectiva, a moral se dá na execução de ações particulares que visam o fim último. Essas ações só possuem um valor moral e ético, visto que parte da vontade do agente, pois se a ação não partir do livre arbítrio, do querer, não há como responsabilizar o executor de ter praticado determinada ação. Nesta perspectiva, para Aristóteles, o que avalia os fundamentos morais que os originam e sustentam são as virtudes, pois são elas que se relacionam com as paixões e ações.

Faz parte da essência do homem, segundo Aristóteles (1991), direcionar suas ações para um fim, já que sempre há uma intenção última, porém, qual seria o objetivo final da existência dos homens? No entendimento do estagirita, existe um bem maior que é a finalidade de todos os bens, um bem absoluto que predomina sobre todas as coisas, a felicidade, assim descrita:

As pessoas ordinárias a identificam como algum bem óbvio e visível, tais como o prazer, ou a riqueza ou a honra, umas dizendo uma coisa e outras algo diferente; na verdade, com muita frequência, o mesmo indivíduo diz coisas diferentes em ocasiões diferentes: quando fica doente, pensa ser a saúde a felicidade; quando é pobre, julga a riqueza a felicidade. Em outras oportunidades, sentindo-se consciente de sua própria ignorância, os indivíduos (comuns) admiram aqueles que propõem algo grandioso que ultrapassa a compreensão deles e tem sido sustentado por alguns pensadores, que além de muitas coisas boas que mencionamos há um outro bem, que é bom em si mesmo, e se coloca em relação a todos aqueles bens como causa de serem bons (ARISTÓTELES, 1979, p. 40, 41).

Note que o sentido de felicidade, esse “bom em si mesmo” que Aristóteles aponta, não exclui a existência de bens relativos, como riqueza, honra, saúde etc. Pelo contrário, ele os vê, em boa medida, como bens úteis para a conquista ou o alcance de uma vida feliz. Ainda nesta mesma perspectiva,

[...] parece haver diversas finalidades visadas por nossas ações; entretanto, ao elegermos algumas delas, por exemplo a riqueza, ou flautas e instrumentos em geral – como um meio para algo -, fica claro que nem todas elas são finalidades completas, ao passo que o bem mais excelente (o bem supremo) parece ser algo completo. Conseqüentemente, se houver alguma coisa que, por si só, seja a finalidade completa, essa coisa – ou se houver várias finalidades completas, aquela entre elas que for a mais completa – será o bem que é objeto de nossa investigação (ARISTÓTELES, 1979, p. 47, 48).

Depreende-se daí que a posse e usufruto de certos bens intermediários não são um fim em si mesmo e nem são o fim, o bem maior buscado pelo homem, mas revelam a unidade presente em algo que tem finalidade em si mesmo e diferente com algo que se busque como meio para um determinado fim.

2.2 O AGIR ÉTICO NA PERSPECTIVA ARISTOTÉLICA

Refletir sobre a ética com base em Aristóteles é admitir uma busca incontestável, ou melhor, um ideal a ser buscado e vivido pelo homem. A ética é uma virtude que guia o homem para viver com sabedoria. Alcançar essa virtude não é uma tarefa fácil segundo o estagirita. Atingir a ética é assumir a condição de homem que deseja viver de maneira nobre, que exige esforço e determinação. No decorrer de exercícios e do alto controle é que o homem se torna ético.

Pode se dizer que a plenitude ética é o fim mais honrado e elevado que o ser humano pode almejar e usufruir. Ela começa de maneira individual, porém, cada indivíduo tem seu comprometimento com a comunidade, com a cidade da qual faz parte (ARISTÓTELES, 1991). Para o filósofo grego, a ética está diretamente em conflito entre dois estados do homem: o lado instintivo e o lado racional. No primeiro momento prevalecem os desejos que precisam ser controlados pela razão, tendo em vista uma união total de todas as potências existentes.

A vida ética exige um exercício contínuo e perene. Ser ético requer um empenho racional e um forte cuidado para dar utilidade e dinamicidade à alma humana. Sendo assim, é exercendo a ética (as virtudes) que o homem se torna ético (virtuoso).

Mesmo que a ética não seja uma virtude, são as virtudes que compõem o domínio da ética, por isso, elas devem ser conquistadas por cada ser humano. Ninguém se torna ético instruindo o outro a ética, pois ele pode saber o que é ética, porém não vive-la. Em vista disso, a ética toma uma dimensão teórica, devido ao fato de que ela analisa, questiona e argumenta, mas não admite uma dimensão prática, que é o fundamento para que a ética aconteça. Para Reale (2007, p. 105):

[...] as virtudes éticas derivam em nós do hábito: pela natureza, somos potencialmente capazes de formá-las e, mediante o exercício, traduzimos essa potencialidade em atualidade. Realizando atos justos, tornamo-nos justos, isto é, adquirimos a virtude da justiça, que, depois, permanece em nós de maneira estável como um *habitus*, o qual, em seguida, nos fará realizar mais facilmente ulteriores atos de justiça. Realizando atos de coragem, tornamo-nos corajosos, isto é, adquirimos o *habitus* da coragem, que em seguida nos levará a realizar facilmente atos corajosos. E assim por diante. Em suma, para Aristóteles as virtudes éticas são aprendidas à semelhança

do aprendizado das diferentes artes, que também são hábitos.

Segundo o autor, no pensamento aristotélico vê-se a ética como uma condição fundamental para se chegar à felicidade, pois ninguém pode ser feliz se não agir eticamente.

Nesse caso, a felicidade se determina como a atividade da alma de acordo com a virtude. Virtude provém de um conceito grego *αρετή* que tem como significado excelência moral. Segundo o Dicionário de Filosofia (1977, p. 432):

Virtude equivale a capacidade, aptidão, e significa a habilidade, facilidade e disposição para levar a efeito determinadas ações e adequações ao homem. A virtude não é inata, somente o são disposições para ela; e adquire-se unicamente pelo exercício sério e duradouro. A virtude é disposição permanente; contudo pela atividade e pela operação contrária diminui ou perde-se de tudo.

A virtude constitui a excelência do homem e a felicidade equivale à atividade segundo a virtude, sendo que a felicidade não se compõe propriamente na virtude, mas na atividade dela, na vida racional na direção a qual a virtude coordena. Portanto a felicidade equivale a atividade conforme a virtude.

Assim, para entender o que é virtude deve-se estudar o que é alma, visto que para o estagirita o homem é uma unidade substancial de alma e de corpo, sendo que a alma executa as funções em relação a matéria que é constituída de corpo. Destarte, o que define a alma humana é a racionalidade, conforme ele mesmo afirma: “[...] a alma tem uma parte racional e outra parte privada de razão” (ARISTÓTELES, 2009, p. 23).

Sobre a constituição da alma em duas partes: racional e irracional, afirma Aristóteles (2009), que cada uma delas corresponde a uma virtude particular. A alma irracional ou vegetativa, apresenta uma virtude que não é propriamente humana devido ao fato de que ela se encontra em todos os seres, seja animal ou vegetal. A alma racional, corresponde a uma virtude própria da alma chamada de virtude intelectual. O objetivo desta separação é reconhecer no homem que a virtude intelectual age sobre a virtude moral de forma que seja possível ao homem ser virtuoso em suas ações. Desta maneira, cabe ao indivíduo

[...] investigar qual seja melhor o estado de cada uma dessas duas partes, pois nestas residem a virtude de cada uma [...]. A virtude de uma coisa é relativa ao seu funcionamento apropriado. Ora, na alma existem três coisas que controlam a ação da verdade: sensação, razão e desejo (ARRISTOTELES, 1979, p. 142).

A sensação não estabelece uma causa de nenhuma ação uma vez que como os racionais, os irracionais dispõem de sensações, porém o fato de que eles possuam características comuns aos racionais, eles não pertencem à ação, ou seja, o homem quando faz o uso de suas faculdades mentais como um animal racional, se relaciona com os seus semelhantes, que o leva a agir de maneira consciente, dando as suas ações finalidades. Isso mostra que o homem determina em diferentes situações, é capaz de executar escolhas, porém sabe-se que, “[...] a escolha não pode existir sem razão e intelecto, nem sem uma disposição moral, pois a boa ação e seu contrário não podem existir sem uma combinação de intelecto e de caráter” (ARISTÓTELES, 1979, p. 142).

O que regula o desejo da alma é a razão, isso faz com que o homem busque encontrar um meio termo para que suas ações, através da reta razão se harmonizem à sabedoria prática, que conseqüentemente versa sobre coisas variáveis. A sabedoria prática analisa os particulares e dirige a ação para o bem comum dos indivíduos (ARISTÓTELES, 1979).

A compreensão de que a razão regula a ação do homem, está fundada na possibilidade do livre arbítrio que dela emana, pois, “Ato livre é o ato realizado com consciência e por vontade própria [...] e não sob coação” (RABUSKE 1986, p. 89). Logo, a conquista do homem está em fazer uso da liberdade para aprimorar suas disposições, e assim ampliar sua personalidade.

No entanto, convém alertar que para Aristóteles, escolha livre e escolha por livre

arbítrio não podem ser consideradas as mesmas coisas, visto que, o estagirita afirma que “[...] as coisas, pois voluntárias, umas fazem-se por escolhas e outras sem escolha. Por escolha fazem-se as coisas com consulta e sem escolha as que se operam sem consulta” (ARISTÓTELES, 1979, p. 92).

Portanto, o livre arbítrio ou escolha com consulta, advém da vontade, em seu duplo sentido de vontade em potência e vontade de ato. A propósito, Farias (1995, p.174) destaca que Aristóteles se refere à liberdade, nos seguintes termos: “[...] é livre não aquele que vive sem leis ou contra a lei, mas aquele que vive de acordo com as leis que ele mesmo elaborou, ou às quais dá seu assentimento livre”. Sendo assim, o homem é livre se estiver de acordo com os critérios da lei posta pelo Estado. Consequentemente, para que os indivíduos sejam felizes e a eudaimonia como fim último seja alcançada na polis, a ética aristotélica sugere que os homens devem ser virtuosos, ou seja, agir bem por meio da razão intuitiva.

2.3 O AGIR ÉTICO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO

Antes de adentrar na discussão sobre as possibilidades e desafios para um agir ético na contemporaneidade, é pertinente que seja esclarecido o que se entende pelo termo ética. Explicar ou estabelecer o significado da palavra ética não é uma tarefa fácil, visto que ela pode ter vários significados. Ética, que provém do grego *ethos*, significa “morada do homem” (LIMA VAZ, 2000, p. 12). Etimologicamente, a definição de ética e moral traz consigo a ideia de costumes, hábitos e modos de um agir relacionados.

Dito isto, é fundamental o estudo mais atento sobre os aspectos epistemológicos do termo. O dicionário de filosofia de Brugger (1977, p. 169) apresenta a seguinte explicação:

[...] A ética ou filosofia moral tem por objeto o exame filosófico e a explicação dos chamados fatos morais. Contam-se entre os fatos morais, as apreciações éticas, os preconceitos, as normas, as atitudes virtuosas, as manifestações da consciência etc. [...].

Dessa forma, a ética atravessa os limites da moral e dedica-se em explicar os valores e comportamentos de fatos existentes, tanto pela história quanto pelos métodos psicológicos, sendo considerada uma ciência universal que pesquisa os fundamentos últimos da moral.

Na Grécia clássica o sentido da ética era ligado a elementos constitutivos que presumiam bravura, ponderação, justiça, saúde, força e beleza. Neste sentido, leciona Jaeger (1995, p. 535):

É a partir daqui que o conceito socrático de bom, o mais intraduzível e o mais exposto a equívocos de todos os seus conceitos, se diferencia do conceito análogo na ética moderna. Será mais inteligível para nós o seu sentido grego se em vez de dizermos o bom dissermos o bem, acepção que engloba simultaneamente a sua relação com quem o possui e com aquele para quem se é bom. Para Sócrates, sem dúvida, o bom é também aquilo que se faz ou se quer fazer por causa de si próprio, mas ao mesmo tempo Sócrates reconhece nele o verdadeiramente útil, o salutar, e também, portanto, o que dá prazer e felicidade, uma vez que é ele que leva a natureza do homem à realização do seu ser. Na base desta convicção aparece-nos a promessa evidente de que a ética é a expressão da natureza humana bem entendida. Esta distingue-se radicalmente da existência animal pelos dotes racionais do Homem, que são os que tornam o *ethos* possível.

Diante disso, nota-se que a ética provém de tomadas de decisões, postas em prática e estimuladas por ações que se voltam para o bem, que suscita a busca de uma vida equilibrada e relacionada em fundamentos tidos como valorosos. A igualdade procede da noção grega de excelência. O agir ético corresponde ao exercício da alma contínuo, estimulado pelo bem comum e compartilhado. A ética é a condição que o homem usa para se estruturar em sociedade, gera juízos de valores e elaborar leis de governo. A vista disso, a natureza do homem compõe duas dimensões: a política e a moral que se manifestam de forma diferente na ética.

No que diz respeito à discussão ética, Aristóteles não foi um precursor, contudo, foi o primeiro a sistematizá-la como filosofia prática e empregou um método, um conteúdo e uma técnica para chamá-la de ciência. Neste sentido, leciona Chauí (2002, p. 440):

A ética é uma ciência prática ou uma ciência da práxis humana, isto é, um saber que tem por objeto a ação. [...] o homem age tendo em vista um fim ou uma finalidade e, portanto, ao agir, atualiza potências para realizar plenamente sua forma.

Segundo o estagirita, esta finalidade está presente em todas as atividades humanas, que traz consigo como objetivo a busca do bem, nesse sentido, o bem é uma forma de preparar o indivíduo para viver na *polis*. Provinda do latim, *polis*, significa uma cidade ou estado independente em que o governo é exercido por seus membros ou cidadãos livres. Assim, a política é considerada como uma ciência prática que não se separa da ética, a única diferença existente entre elas é que a política apresenta uma extensão social e coletiva, enquanto a ética se reduz ao indivíduo, ao particular, portanto,

Quando se trata de determinar o mais alto dos fins humanos, Aristóteles dá a impressão de hesitar nas Éticas, entre a vocação contemplativa e a vocação política. Na verdade, não há contradição entre os dois ideais, que realizam, ambos, a natureza do homem: o primeiro, na mais eminente de suas virtualidades, que é a vida segundo intelecto, e o outro, na totalidade de suas aptidões, que são interligadas e consumadas pela capacidade de manter relações de justiça com outrem (HUISMAN, 2001, p. 70).

Quando Aristóteles desenvolve seu pensamento ético, ele elabora ou concebe um verdadeiro tratado sobre o agir humano, no qual reflete sobre o homem e as condutas da e na sociedade. Ao considerar o homem um animal racional, ele o coloca na condição de homem social e político, de pensar e fazer política, ou seja, capaz de exercitar a busca do bem comum por meio da cidadania.

Na concepção contemporânea, em geral, a ética é compreendida de forma diferente, pois é vista como provinda dos princípios universais que se aplicam a todos os indivíduos. Em sentido mais amplo citam os pensadores Outhwaite e Botomore (1996, p. 278), “[...] a ética refere-se à avaliação normativa das ações e do caráter de indivíduos e grupos sociais”. Assim a melhor forma de viver e conviver é tendo a capacidade de se fazer uma profunda reflexão ética, a qual leva uma avaliação normativa das ações dos indivíduos e dos grupos sociais.

Em uma visão mais ampla, a ética está relacionada ao homem e suas escolhas. Neste sentido, Sartre nos diz que (1978, p. 220): “[...] escolhendo-me, escolho o homem”. Ou seja, o homem tem a capacidade de escolher, deliberar ou decidir qual caminho seguir, seja ele certo ou errado.

Devido ao fato de o homem ter a capacidade de escolher, parece que o mesmo se desviou da busca do bem comum, pois vive na individualidade, onde apenas procura coisas para satisfazer seus interesses pessoais, ligado aos prazeres que a vida proporciona, numa busca incessante de ter e se afasta cada vez mais da vida em sociedade. Sobre essa problemática, constata Bauman (1998, p. 10):

Os mal-estar da modernidade provinham de uma espécie de segurança que tolerava uma liberdade pequena demais na busca da felicidade individual. Os mal-estares da pós-modernidade provêm de uma espécie de liberdade de procura do prazer que tolera uma segurança individual pequena demais.

Para este pensador, a sociedade consumista procura satisfazer os desejos humanos por meio do ter e da procura por prazer que o leva a um consumo desenfreado, todavia, esse desejo só se mantém atraente enquanto estiver irrealizado. Nota-se que o método utilizado pela indústria de consumo é a “[...] não satisfação dos desejos e a

crença firme e eterna de que cada ato que visa satisfazê-los deixa muito a desejar e pode ser aperfeiçoado – são esses os volantes da economia que tem por alvo o consumidor” (BAUMAN, 2007, p. 106).

Outro aspecto que se apresenta como altamente crítico é o uso negligente e muitas vezes irresponsável da tecnologia pelo homem contemporâneo, especialmente no que tange ao cuidado com o meio ambiente, com a casa comum.

Sobre a urgência em se atentar para o aspecto ético do uso da tecnologia, pontua Jonas (2006, p. 43): “Em outras palavras, mesmo desconsiderando suas obras objetivas, a tecnologia assume um significado ético por causa do lugar central que ela ocupa subjetivamente nos fins da vida humana”. A partir, dessa perspectiva apontada pelo autor, é de inegável relevância examinar os impactos da revolução tecnológica, realizando assim, algumas ponderações que podem ser feitas para que ela não gere situações que se tornem prejudiciais para o espaço físico (natureza), para a vida em sociedade e, ao mesmo tempo, para as gerações futuras.

Portanto, o homem ligado apenas à satisfação pessoal por meio de vícios, prazeres, luxuria, etc. experimenta apenas uma sensação momentânea de felicidade, que o leva a um vazio. Essas atitudes e comportamentos revelam um uma vida pouco ou nada virtuosa do ponto de vista aristotélico, vez que não se caracterizam pela mediania e nem pela preocupação com o cumprimento das leis em vista do bem comum da polis.

2.3.1 Os desafios contemporâneos para um agir ético à luz da eudaimonia aristotélica

Uma das grandes necessidades nos diversos grupos sociais na atualidade, seja nas escolas, universidades e nas empresas é a questão ética. Hoje ela é algo especialmente difícil, pois não se pode impor nada a ninguém, porém, pode-se levar as pessoas a refletir como deve ser o relacionamento com o outro, seja pessoal ou social, com a natureza e a mãe terra.

Leonardo Boff (1999, p. 191) nos aponta que:

Hoje, na crise do projeto humano, sentimos a falta clamorosa de cuidado em toda parte. Suas ressonâncias negativas se mostram pela má qualidade de vida, pela penalização da maioria empobrecida da humanidade, pela degradação ecológica e pela exploração exacerbada da violência. Que o cuidado aflore em todos os âmbitos, que penetre na atmosfera humana e que

prevaleça em todas as relações! O cuidado salvará a vida, fará justiça ao empobrecido e resgatará a Terra como pátria e mátria de todos.

A crise que afeta a humanidade é a falta de cuidado. Para sair dessa crise precisa-se de uma nova ética, a qual deve nascer de algo essencial ao ser humano que reside no cuidado com o outro e com a casa comum. Através da ética do cuidado não se vê a natureza e tudo que nela existe como apenas objetos, as relações não são sujeito-objeto, mas sim sujeito-sujeito. A natureza não pode ser considerada muda, ela fala, clama, emite diversas mensagens com suas singelas belezas, perplexidade e força.

Sobre a possibilidade de uma vida plena e feliz na contemporaneidade, sugere Hans Jonas (2006), que não é mais possível confiar em éticas intuicionistas, nem nas éticas deontológicas como a de Kant. Para ele, faz-se necessário reformular o imperativo categórico de Kant que diz; “Age de tal maneira que o princípio de tua ação se torne uma lei universal”. Jonas propõe um novo imperativo, expresso assim: “Age de tal maneira que os efeitos de tua ação sejam compatíveis com a permanência de uma vida autêntica [...]”, ou “[...] não ponhas em perigo a continuidade indefinida da humanidade na terra” (JONAS, 2006, p. 47-48). Segundo Jonas, é preciso fazer essa reformulação do imperativo categórico de Kant que defendia, a relação antropocêntrica, ou seja, apenas uma relação de indivíduo com indivíduo, transparecendo a noção de que a natureza não tem valor nenhum, exceto como fonte de retirada dos benefícios que ela pode oferecer ao homem.

A ética de Hans Jonas está diretamente relacionada ao campo da educação ambiental e ao exercício da cidadania, uma vez que cobra e incentiva a um agir baseado na atenção com o meio ambiente e com as gerações futuras, sendo desta forma, um meio efetivo de preservação da casa comum e de uma vida mais feliz (eudaimônica).

Hans Jonas (2006, p. 351) explica a necessidade de não se perder a esperança e a responsabilidade para com a casa comum, com a polis:

A esperança é uma condição de toda ação, pois ela supõe ser possível fazer algo e diz que vale a pena fazê-lo em uma determinada situação. Para o homem experimentado, e mesmo para o favorecido pela sorte, pode tratar-se de algo mais do que esperança: da certeza daquele que confia em si mesmo. Mas, por maior que seja a confiança em si, só se poderia ter a esperança de que os desdobramentos daquilo que se obteve será, no fluxo imprevisível das coisas, aquilo que se desejou. Os homens experientes sabem que um dia podem desejar não ter agido desta ou daquela forma. O medo de que falo não se refere a esse tipo de incerteza, ou ele pode estar presente apenas como um efeito secundário. Com efeito, é uma das condições da ação responsável não se deixar deter por esse tipo de incerteza, assumindo-se, ao contrário, a responsabilidade pelo desconhecido, dado o caráter incerto da

esperança; isso é o que chamamos de “coragem para assumir a responsabilidade.

Portanto, o imperativo proposto por Jonas, abarca o cuidado com a vida humana, com o espaço físico e com as gerações futuras. Logo, o futuro da humanidade deve ser incluído politicamente nas escolhas do presente. A sociedade atual tem um dever para com o que ainda não existe.

Outro desafio ético contemporâneo em vista da eudaimonia, refere-se ao cuidado com o outro, conforme leciona Leonardo Boff (2008). Na mesma linha, alerta Setúbal (2009, p. 9):

Observando o que faz o cuidado e a ética do cuidado surgirem nas relações, percebemos que eles demandam uma educação de qualidade, firme e rígida da infância à idade adulta para que na formação de nossa personalidade tenhamos o conhecimento do que realmente é relevante na vida e possamos construir nosso caráter com base em ensinamentos fundamentados no bem, no respeito, na paz, no amor e na responsabilidade pela vida. Mas, para que a ética do cuidado pudesse acontecer hoje teríamos que reeducar os adultos para que eles reformulassem sua visão e seu posicionamento diante da vida e assim, conseguissem dar ensinamentos e exemplos dignificantes para seus filhos e/ou alunos.

Depreende-se daí que os desejos e as perspectivas que se almeja a partir do *ethos* do cuidado requerem paciência, mas sobretudo, confiança no poder de transformação dos diversos ambientes que hoje se encontram desestruturados, cheios de violência, morte, guerra, fome, exploração do meio ambiente e uma série de práticas de descuidos que emergem de forças e práticas obscuras, ou seja, alimentados por uma competitividade e corrida pelo dinheiro e poder.

É necessário compreender que o cuidado vai modelando o sujeito, porém cada qual responde das mais diversas formas, ora positiva e em outras circunstâncias prefere isolar-se e encontra meios alternativos ausentando-se de qualquer responsabilidade para com o outro, comprometendo a harmonia da polis.

Apontando para alguns aspectos que corroboram para uma sociedade que seja aberta e atenta aos desafios e possa enfrentá-los, Bauman (1997), compreende que tudo está relacionado com o cuidado integral e estão interligados entre si.

Uma sociedade livre de contradições irremovíveis, uma sociedade que aponta o caminho, como a lógica faz, para corrigir soluções somente, pode eventualmente ser construída, dados suficientes tempo e boa vontade. O planejamento certo e o argumento final podem, devem e não de ser encontrados (BAUMAN, 1997, p. 14-15).

Nesse contexto, é necessário que todos compreendam a necessidade que cada

indivíduo representa na construção de uma sociedade melhor em todos os aspectos, e que todos possam participar de modo concreto e efetivo, conforme propunha Aristóteles.

Sobre a necessária vinculação e interrelação comunitária, acrescenta Silva (1995, p. 95):

É nessa constituição de vinculação inseparável que a transformação da sociedade, por uma práxis comunitária, faz sentir o eco de sua importância, faz emergir o critério de eticidade que a anima. Se o indivíduo é e existe para a sociedade, esta é e existe da mesma forma para “todos” os indivíduos. Ninguém pode ficar excluído em posição de ser periférico. Ao lançar os demais para o estado de miséria, o sentido real de sociedade se trai a si mesmo. Em semelhante desajuste, perde a sua natureza essencial, a vinculação constituída se rompe.

Dentro desse contexto, é necessário entender que a ética do cuidado requer também responsabilidade e justiça e que superadas as divergências culturais e históricas, homens e mulheres nas suas relações, se tornem promotores do cuidado que seja capaz de transformar a si mesmos e aos outros.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao refletir sobre a ética nos dias atuais não há como deixar de lado as contribuições que Aristóteles deixou para a humanidade. Ele arquitetou um sistema de preceitos e condutas que direcionam as pessoas a agirem retamente buscando um ideal de felicidade baseado na convivência harmoniosa na cidade, de forma que a natureza do homem seja formada e encontre plenitude no âmbito da política e da ética.

Aristóteles afirma que todo conhecimento e trabalho humano visam um bem supremo, que é a felicidade, onde a eudaimonia consiste ao bem viver e ao bem agir, assim, para ele não seria possível ser feliz fora da ética, pois a felicidade é conquistada com esforço, praticando as virtudes. Sendo assim se o homem não se esforçar na prática de boas ações dentro da sociedade não encontrara o bem supremo.

Portanto a felicidade está interligada à ação, ou seja, ela mesma é uma forma de ação de acordo com a virtude, sendo que a ideia de virtude para o pensador grego do século IV a.C., está ligada à ideia de fim, ou seja, cada ser possui um fim em si mesmo e sua realização e felicidade só se completa enquanto ser, tornando-se virtuoso, revelando a sua excelência ética.

O fracionamento do mundo contemporâneo, baseado no contrato social, faz com que os elevados conceitos da ética em Aristóteles sejam referenciados até hoje, em um contexto onde a organização social não está mais baseada no princípio da natureza humana. Contudo, esta mudança não suprimiu a busca por criar uma sociedade justa, solidária e pacífica.

A ética contemporânea se firma em normas de condutas e preceitos morais e não mais como um conjunto de boas ações voltado ao bem, quer seja individual ou coletivo. A felicidade é buscada hoje pela maioria das pessoas no sentido de obter ganhos materiais, se perdendo em um consumismo exagerado e alienante, de maneira que o comportamento seja prescrito pelo o que os diversos tipos de mídia veiculam, tendo o individualismo e a competitividade como mobilizadores deste processo desumanizante. Já a eudaimonia aristotélica requer as condições para o ser humano alcançar a felicidade, baseada nos princípios da racionalidade, considerando o justo-meio o principal caminho para conduzir o homem a tal bem supremo.

Os desafios éticos no mundo contemporâneo são inúmeros, tendo em vista, que não se olha mais para o outro ou para a casa comum com os olhos da ética do cuidado, mas sim com os olhos da ética consumista que visa o lucro e o bem individual.

Diante dessa realidade, cabe motivar os indivíduos para um processo de reflexão no que tange ao relacionamento com o outro, com a natureza e com a polis como um todo. Trata-se, na verdade, da constante busca pela excelência ética, pela vida virtuosa, numa vida alicerçada no bem agir e no bem viver, no esforço constante para prática de boas ações dentro da sociedade, tornando possível a eudaimonia almejada por Aristóteles.

Vale ressaltar que com este breve estudo não se teve a pretensão de esgotar a discussão quanto à possibilidade da eudaimonia nos dias atuais, mas contribuir com uma pequena parcela de reflexão em um contexto de crise ética, espiritual, ambiental, etc.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. In: Os Pensadores vol. II. Trad. Leonel Vallandro & Gerd Bornheim da versão inglesa de W.D. Ross. São Paulo: Nova Cultural, 1991.

_____. _____. Trad. de Torrieri Guimaraes. 6. ed. São Paulo: Martin Claret, 2015.

_____. _____. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

BARNES, Jonathan. **Aristóteles**. Tradução de A. Sobral e M. S. Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2005. (Coleção: Mestres do Pensar).

BAUMAN, Zygmunt. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

_____. **O mal-estar da pós-modernidade**. in: Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BOFF, Leonardo. **Saber cuidar: ética do humano**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRUGGER, Walter. **Dicionário de filosofia**. Tradução de Antônio Pinto de Carvalho. 3. ed. São Paulo: EPU, 1977.

CHAUÍ, Marilena. **Introdução à história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Vol. 1.

FARIAS, M, C, B. **A liberdade esquecida: Fundamentos ontológicos da liberdade no pensamento Aristotélico**. São Paulo: Loyola, 1995.

HUISMAN, Denis. **Dicionário dos filósofos**. Trad. Cláudio Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

JONAS, Hans. **O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica**. Rio de Janeiro: Contraopondo/PUC-Rio, 2006.

LIMA VAZ, H. C. **Escritos de Filosofia V: introdução à ética filosófica II**. São Paulo: Loyola, 2000.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **Introdução à filosofia de Aristóteles**. São Paulo: Paulus, 2002.

REALE, Giovanni. **Aristóteles**. Tradução de Henrique Cláudio de Lima Vaz. São Paulo: Loyola, 2007.

RABUSKE, A. E. **Antropologia filosófica**, 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

ROSS, David. **Aristóteles**. Trad. Luís F. Bragança Teixeira. Lisboa: Dom Quixote, 1987.

SANGALLI, Idalgo José. **O fim último do homem: eudaimonia aristotélica à beatitude agostiniana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. (Coleção Filosofia; n. 80).

SETÚBAL, Hilana Cristina Rocha. **O cuidado e a ética do cuidado:** um diálogo entre Leonardo Boff, Carol Gilligan e Nel Noddings. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009. Disponível em: <http://ftp.ufrn.br/pub/biblioteca/ext/bdtd/HilanaCRS_DISSERT>. Acesso em: 17. set. 2020.

SILVA, Marcio Bolda da. **Rosto e alteridade:** pressupostos da ética comunitária. São Paulo: Paulus, 1995.